

ção de preparar o homem para saber viver em sociedade, em nação, em estado, dado que essas unidades superiores somente poderão existir, quando se haja produzido a formação completa da célula componente. E' nesta função coletiva que a consciência do indivíduo se enriquece de uma ciência de relações, de uma nova ordem de virtudes que impulsionam a evolução coletiva. Esta, com efeito, a característica basilar do conceito de virtude, do ponto de vista social.

LXXXVII — A Divina Providência.

Nesta ordem de idéias, se ha lugar para a inconsciência individual, não o ha para a inconsciência do Criador. Em todos os casos, mesmo no do destino mais atroz, podeis acreditar na insipienteza e na malvadeza dos homens, porém, nunca na insipienteza e na malvadeza de Deus. Inutil maldizerdes de quem personifica as causas próximas da dor. Trata-se muitas vezes de instrumentos ignorantes, portanto, irresponsáveis, movidos até por causas existentes em vós, distantes e profundas. A vida é um gigantesca batalha de forças que precisam ser compreendidas, analisadas, calculadas. Ninguém pode invadir o destino de outrem; só no seu próprio destino pode cada um semear loucamente alegrias e dores. Uma vida substancialmente tão perfeita não pode estar sujeita a um capricho e ao prazer louco de se atormentar a si mesma alternativamente. Em tal ordem de idéias, é insensato maldizer e rebelar-se, tanto mais que isso nada altera, antes agrava o mal. Melhor é orar e compreender, porquanto a dor não cessa, senão depois de aprendida a lição que lhe justifica a presença.

Nesta ordem de idéias, pois, está logicamente situado o conceito de uma *Providencia Divina*, como facto objetivo e científicamente demonstrável. Se registrasseis em grandes séries o desenvolvimento dos destinos individuais, veríeis ressaltar uma lei em que se revela evidente a intervenção de uma força superior à vontade e aos conhecimentos dos indivíduos. O homem, ao envez, se comporta como se estivesse só, isolado no espaço e no tempo. A sua ignorância da grande Lei que tudo rege lhe faz acreditar que vive num caos de impulsos desordenados, abandonado às suas próprias forças, sendo estas sua única lei e seu único amparo. Seu egoísmo é um "salve-se quem puder", de todos contra todos, e ele permanece só, qual atomo perdido no grande mar dos fenômenos, sob o terror de ver-se triturado por forças gigantescas, agitando, para defender-se, os pobres braços, pequenina luz em meio das trevas. Refugia-se, então, na inconsciência do "carpe diem", que é a filosofia do desespero, cegueira intelectual e moral que uma ciência que nada conclui deixou intacta.

Cegueira, inconsciência, pois que, num universo onde tudo clama causalidade, ordem, indestrutibilidade, onde tudo é função, equilíbrio automático e justiça, onde tudo se acha ligado por uma rede de reações, tudo conjugado ao funcionamento do grande organismo, onde tudo tem uma razão de ser e é uma consequência lógica, onde é absurdo qualquer aniquilamento, seja no campo físico, seja no moral — loucura se torna o crer-se na possibilidade de uma violência, de uma usurpação, de uma só injustiça que o homem queira, ou que ele, que não passa de um ponto no infinito, possa impor a sua vontade, modificando a Lei universal.

Com a demonstração científica da ordem soberana, coloquieis em face do dilema: ou negar, aceitando a inconsciência, criando ao vosso derredor um mundo caótico, onde vos encontrais a sós com as vossas forças contra todos os fenômenos, ridiculamente rebeldes e tristemente perdidos num oceano de trevas — ou compreender e avançar, enquadrados no grande movimento, como soldados de um exército em marcha. Acha-se doravante demonstrada aqui a existência de uma ordem suprema; *não pode o homem, portanto, existir senão imerso na grande lei divina*. Isto lança ao rolo dos absurdos toda culpa, toda baixeza e torna altamente útil a senda das virtudes. *Tudo o que existe nasce com a sua lei, é a expressão de uma lei, não pode existir senão como desenvolvimento de um princípio, senão segundo uma lei*. Em cada forma, uma lei se vos deparará sempre, como sendo a sua alma, a sua substância, a única realidade constante, através de todas as transformações da ilusão exterior. A forma vem sempre em seguimento da lei que a guia e muda, para que se realize em ato. Todo momento resume o passado e contém a linha do futuro, assim nos organismos físicos, como no vosso organismo psíquico. O equilíbrio que vos ha sustentado até aqui, no presente, ao longo da viagem da eternidade, vos sustenta e guia agora para o futuro, sabendo e querendo, antes que saibais e queirais, com exclusão da vossa vontade e da vossa consciência.

Ao conceito limitadíssimo de uma força vossa individual, que guia os eventos, cumpre se sobreponha o conceito vastíssimo de uma justiça que impõe ao destino o equilíbrio e as compensações. No seu seio, violência, usurpação nada mais são do que absurdas antecipações de um átimo, que depois se hão de pagar com exatidão matemática; no seu seio está e age a *divina providencia*, não uma providencia no sentido de guia pessoal, da parte da Divindade, no sentido de uma ajuda arbitrária que se possa solicitar sem a merecer e capaz de poupar o inevitável esforço da vida; mas, uma providencia momento da grande Lei, permeada de equilíbrio, aderente ao mérito, mantida por continuas compensações, que levantam aquele que cai, se mereceu ascender, e abatem aquele que sobe, se mereceu descer. E' um princípio de ordem, uma força de nivelamento.

mento que ajuda o fraco e substitue o impulso da prepotencia humana por essa outra força tanto mais sutil quanto mais real e poderosa, que é a justiça.

A providencia divina representa, em ação, essa maior força, a justiça, não só para elevar, como tambem para abater. Por uma lei espontanea de equilibrio, ve-la-eis dosar as provas, para que não ultrapassem as forças; ve-la-eis erguer-se gigantesca, a proteger o humilde indefeso e honesto, que a opressão humana quisera prejudicar; ve-la-eis dar a quem merega e tirar a quem abusa, premiar e punir, distribuir acima das repartições humanas.

Tremei, vós, vencedores pela força humana, em presença desse poder da justiça, que impulsiona todo o universo. E vós, fracos, não acrediteis que providencia seja inercia ou fatalismo, amiga dos indolentes; não espereis que essa força vos poupe ao sagrado esforço da vossa evolução. Conceito são de justiça e de trabalho, conceito científico do mundo fenomenico, ela não é a base de um afastamento gratuito das sanções dolorosas; significa direito ao minimo de que necessitem as forças humanas para subir pelo penoso caminho da vida; significa repousos merecidos e indispensaveis, não ociosos gratuitos e perenes, como quererieis.

Nada de mais falso do que a identificação da providencia com um estado de inercia e passiva expectativa. Isso é invenção de mardrões iludidos, é desvirtuamento dos principios divinos. Ela é solerte em levantar o homem que na luta perde as forças, como em abater o rebelde, ainda que gigante seja; mas, sobretudo, é ativa para com o justo que quer o bem e que, com o seu esforço, o impõe. Então, o desprovido de humanas forças, sem amparo e sem meios, empunhará as forças mais altas da vida, as tempestades do mundo se aplacarão e os grandes se dobrarão, porquanto ele personifica a Lei e a sua ordem. E, enquanto permaneceis sós na luta, entregues exclusivamente ás vossas pobres forças, ele, colocado no profundo organismo do real, as recebe de todo o infinito. Quando parecer abandonado e derrotado, uma voz lhe bradará: não estás só. Pode ele então proferir a grande palavra que atrâa no universo: Falo-vos em nome de Deus.

LXXXVIII — Força e justiça. — A genese do direito.

Temos falado de uma evolução das leis da vida, em que o principio da força se transforma, dentro da coletividade, no do direito e da justiça. Assim como a evolução transforma a dor e o amor, dilata liberdade e felicidade e, com o transformar o individuo, transforma a sua lei, tambem, no campo social, evolução significa ascensão da coletividade e da lei que a rege. A transição da animalidade para a superhumanidade significa igualmente pro-

funda maturação do fenomeno social em todas as suas manifestações. As normas de triunfar, que a humanidade impõe a si mesma pela educação e a que chama virtude, se, por um lado, fazem que o individuo evolva, por outro o torna cada vez mais apto a conviver em unidades cada vez mais vastas e organicas. Assim como, individualmente, a méta da evolução é o superhomem, coletivamente a sua méta é a construção do organismo social, até ao limite da superhumanidade. Somente numa coletividade pode o superhomem chegar á sua completa realização.

Paralela, pois, á marcha do individuo segue a ascensão dessa outra individualidade mais vasta que, combinando seus elementos, elaborando suas celulas, tambem conquista laboriosamente, como o individuo, a sua conciencia, constroe o seu psiquismo: a alma coletiva. Esgotados os problemas do individuo, observemos agora os problemas mais complexos da evolução social.

Na evolução, que o homem realiza, de si proprio, tambem se realiza a evolução da coletividade, que tem nele a sua primeira e mais solida base. A unidade social possue uma sensibilidade sua propria, em que ela se contempla e se sente a si mesma, em cada um dos seus pontos e elementos constitutivos. O principio do egoísmo e da força, dominante no tipo primitivo, é para vós o que ha de mais desagregante e anticonstrutivo das cadeias sociais. Mas, a evolução, estimulante da coletividade, como do individuo, contém no seu seio impulsos de autoeliminação do egoísmo e da força. Assim, do mesmo modo por que se ascende de tipo a tipo individual, transformam-se os mundos e as suas leis. *No mundo subhumano*, a besta e o homem inferior trazem escritos nos seus instintos feroces os artigos dessa lei. Aí nenhum sér sabe existir senão como uma arma, um continuo assalto, uma incessante ameaça a todos os seus semelhantes; as celulas da futura unidade ainda não se conhecem, ainda não acharam os entalhes de trocas e fusões; as circunferencias das liberdades tendem a expandir-se ao infinito em torno do centro do egoísmo, ignorando limites de contacto com outras circunferencias analogas.

A força é tensão necessaria de vida, soberanamente domina como fardo insuprimivel; mas, mesmo na sua baixeza, é esforço de ascensão. Cada vida é uma imposição forçosamente feita a todas as outras; cada direito, uma extorsão. *O mundo social é um embate caótico de forças, ainda á procura dos superiores equilíbrios do direito.* Esta a fase de involução das sociedades biologicas, em que os individuos ainda se não organizaram em simbioses; estado de agressividade e violencia, de incerteza e de luta, em que se prepara a ascensão a seguir-se, em que a natureza, expandindo seus impetos interiores, prepara a maturação da unidade coletiva, da qual a sociedade humana é apenas uma parcela. Nesses mundos inferiores, a lei universal de justiça, em virtude precisamente do baixo nível